

«era uma vez de todas as histórias»

Coimbra, Teatro Gil Vicente, 18 de Janeiro de 2006

Teresa Joaquim
Universidade Aberta

Agradecer este convite que me honra e sobretudo que me toca ou por que me sinto tocada, por ter de lidar com universos diversos que circulam em torno de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Queria ainda dizer, antes de entrar propriamente na apresentação da revista, que não sou especialista nem da obra nem da vida de MLP. Li sempre de uma forma dispersa os seus textos. Tive o privilégio de estar com ela no Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida durante cinco anos, nas tardes das primeiras terças-feiras de cada mês. Passo pois à leitura que fiz deste nº da *ex æquo*, *Um legado de cidadania: homenagem a MLP*.

18 de Janeiro de 1930 – Nasce na cidade de Abrantes, freguesia de S. João, M^a de Lourdes Ruivo da Silva Martins Pintasilgo, filha de Jaime Martins Pintasilgo, comerciante de lanifícios, e de Amália do Carmo Ruivo da Silva Martins Pintasilgo, dona de casa.

Faz hoje precisamente 76 anos que a MLP nasceu, iniciando então aquilo que ela dizia deste modo: como se aí se dissesse o «era uma vez de todas as histórias»:

«Ela não sabia que cada história tem duas faces. A que as pessoas ouviam, escutavam e comentavam. E aquela que, sem nada ter encoberto, era o seu lado íntimo, cada vez mais discreto. À medida que ganhava experiência, ia descobrindo que esse lado convexo das histórias contadas tomava forma, acumulava-se não como sedimento do já passado mas como uma configuração em cada momento inédita, actual e viva. [...] Mas quanto mais “contava tudo”, mais esses segredos se enriqueciam e mais perto de si se tornavam, trabalhados nos longes de si. Nessa zona indescritível mas verdadeiramente secreta que se chama vida interior, onde o tempo era maior do que se dizia». (pp. 200-01).

Ora, há seis anos, quando da homenagem que lhe foi feita pelos seus 70 anos, gosto desta forma como ela se apresentou, retomando as palavras de Claudel, em *L'annonce faite à Marie*:

«Sou a Violaine,
tenho 18 anos,
sou livre,
tudo é perfeitamente claro
e estou muito contente»

«Sou a Maria de Lourdes,
tenho 70 anos,
sou livre,
tudo é perfeitamente claro
e estou muito contente».

E então partamos daqui, da maneira como este número da *ex æquo* foi organizado a partir dessa entrada denominada *Pórtico*, constituída por *Memórias e experiências*, iniciada pelo poema de Ana Luísa Amaral, que fala das cidades futuras:

«Terão fronteiras
as cidades que sonhaste
e hão-de passar
da ideia
para o tempo» (p. 17)

Apresentação de Fernanda Henriques, em que é feito o percurso deste número e que começa com esse mapa de palavras desconstruídas e desalinhas (que também aparece na contracapa da revista) e das quais ela diz:

«As palavras são as memórias,
os sulcos do tempo
e das buscas humanas» (p. 7)

E que se abre no *Pórtico* que «obriga a uma pausa» nesse contar de memórias e experiências, entre outros, de M^a João Seixas, M^a Belém Roseira, Manuela Tavares, Hermano Carmo («Nem cunhas, nem cartas anónimas»), Paula Martinho da Silva, Françoise Gaspard, da escritora brasileira Carmen Oliveira («Um pequeno almoço»):

«Como seria aquela mulher, escolhida entre tantos homens marcantes, para presidir à Comissão Mundial sobre População e Qualidade de Vida, a que proclamava que era mister acabar com a pobreza e não com os pobres? Olha-me receptiva. Seus olhos se voltam para a mesa posta; suas primeiras palavras: “Eu sempre quis saber se no Brasil o pequeno almoço é como aparece nas telenovelas”».

Penso que nestas duas frases, entre saber quem era aquela mulher e a pergunta de MLP se desenha uma forma de estar e de gosto pelo jogo, de brincar levando a sério (como verdade).

Após o *Pórtico*, três partes.

A I Parte – Ressonâncias da vida e da obra de MLP – são textos de âmbito mais informativo. Nesta I parte, deve referir-se a cronologia da vida e da obra de MLP, por M^a Reynolds de Souza: datas, com a assunção de cargos, de pequenos excertos de MLP sobre esses acontecimentos, que tornam a cronologia habitada.

A II Parte – MLP e as dinâmicas políticas e culturais – na qual existe uma parte sobre a Fundação Cuidar O Futuro pela sua presidente Fátima Grácio ou essa outra leitura da economia por Manuela Silva ou essa descrição de um pensamento novo por Maria do Céu Cunha Rego.

A III Parte – MLP e a experiência religiosa – com textos de M^a Carlos Ramos e Dimas de Almeida, e no final as leituras de Helena Araújo e Ana Luísa Amaral do livro *Palavras dadas*.

O que acaba por ser um número denso na sua polifonia (F. Henriques) que navega por áreas diversas (a prática e o pensamento políticos) em momentos diferentes e descritos por actores e actrizes – participação em foruns internacionais, a descrição do modo como ela ia elaborando os relatórios, por exemplo no Conselho da Europa:

«às vezes o entusiasmo de MLP fazia-a sair um pouco do quadro que nos tínhamos fixado. Eu nem sempre sabia o que deveria verdadeiramente reter para a redacção do relatório [...] e também não sabia se eu tinha compreendido tudo, porque ela podia por vezes tornar-se *muito filósofa* (subl. meu) ao explicar as suas ideias» (Olof Olafsdottir, directora da Divisão da Igualdade entre Homens e Mulheres do Conselho da Europa, 73).

A teologia (ou os possíveis de uma teologia em MLP), a leitura dos seus textos em *Palavras Dadas* que constantemente remetem para (e são um trabalho de intertextualidade, como afirma Ana Luísa Amaral) as questões éticas evocadas no parecer 14 / CNEVC / 95, no qual são expostos os «valores e fins:

- a dignidade da pessoa humana
- a participação de cada pessoa nas decisões que lhe dizem respeito
- equidade e não discriminação
- solidariedade entre todos os membros de cada sociedade e entre sociedades» (p. 34)

A questão das mulheres

«A revolução das mulheres será inédita e subversiva», afirmou ela a Rosiska Darcy d’Oliveira uma revolução que ela via como a possibilidade de as mulheres se tornarem «sujeitos das suas próprias vidas» (62).

E na Eco-92, no Rio de Janeiro:

«Começo lhes dizendo que não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos e milénios. O que me interessa, e é a minha tentativa, é procurar como as mulheres podem, de maneira original, dar um contributo para vivermos uma história de dimensão humana e global»

e ainda

«Mas mais do que tudo, aumentar o poder das mulheres, arrancá-las da miséria que é a parte que lhes cabe na escandalosa desigualdade do mundo» (61).

Ou a emergência do feminino na cultura e na política, que não deixa de ser altamente paradoxal no próprio contexto referido por Francisco Louçã, no seu texto «A força tranquila da paixão», em que retraza

«os paradoxos da modernização e do modernismo inerentes à reestruturação do sistema de relações sociais» (99) ou os textos que se lhe seguem, «Actualidade de um voto de vencida na era dos choques», de João Lavinha, que contrapõe a declaração de voto de MLP na Câmara Corporativa em 1973 ao IV Plano de Fomento e a liga à proposta do Plano Tecnológico recentemente apresentado. Na declaração de voto, as razões são atravessadas pelos mesmos valores éticos que enunciei anteriormente, no seu Relatório sobre a «Distribuição dos recursos para a saúde» do CNECV, em 1995, questões éticas que percorrem o texto de Silvério da Rocha Cunha, cujo título joga com o de João Lavinha, que falava de «vencidos», este fala de «Dilemas e problemas da política numa era de vencedores», no qual, a partir de uma afirmação de MLP,

«A grande empresa não é o plano pensado e repensado, a estrutura gigantesca que, com os seus tentáculos, tudo vai abafar, nem a mentalidade renovada, adaptada, ajustada, conformada. *A grande empresa é mudar a vida*» (1995),

e comenta Silvério da Rocha Cunha:

«É possível, afinal, mudar a vida? É importante pensar com (e para além de) MLP, porque fundamentalmente há, no seu pensamento, uma consciente recusa, quer na sua prática política, quer no seu pensamento, da ausência de mediação entre política e ética, subordinando ambas à responsabilidade crítica. Neste sentido, trata-se de uma verdadeira intelectual (e não apenas de uma mulher de cultura) [...], Pintasilgo assume com clareza a natureza política da sua função intelectual, reivindicando porém uma outra maneira de viver a política: viver de acordo com princípios sem esquecer as consequências da acção, com independência e criticamente, sem ser indiferente.»

Num contexto em que este autor afirma (com outros autores) que se assiste, actualmente

«à erosão da responsabilidade», à destruição da existência do mundo comum, segundo H. Arendt, o que MLP formula deste modo:

«A política nasce, não na fusão dos humanos uns com os outros... mas sim na crescente individuação de cada pessoa. Em vez da fusão de seres humanos uns com os outros, a pluralidade requer o espaço que há entre os humanos, vindo da sua própria diferença. E é aí e só aí que ela se pode estabelecer como *relação* (1995, 215).

E penso que é neste contexto que surge (ou pode surgir) esta interrogação de MLP, que aparece no texto de M^a Carlos Ramos. A interrogação é esta:

«Que diferença faz ser cristão?»

interrogação repetida, que irrompe – como uma ruptura – no horizonte do seu pensamento, que se liga com esta afirmação do teólogo Yves Congar:

«A fé não é uma tranquila certeza» (184), que é marcada pela inquietação como vulnerabilidade: «que se deixa expor aos novos momentos e suas intuições» (185).

Vulnerabilidade, Inquietação, Atenção, que se ligam a essoutra afirmação de Chenu: «O meu lugar de trabalho é o acontecimento».

E será talvez por isso que, como acontecimentos marcantes, ela liga a Revolução do 25 de Abril e o Concílio Vaticano II:

«Mas a revolução, de certa maneira, apareceu-nos como se já tivéssemos tudo preparado. Foi um pouco o mesmo que aconteceu com o Concílio. Foi a célebre ideia de consenso que destruiu completamente o espírito da revolução. [...] Não é ser contra o diálogo, mas contra o consenso que marginaliza todos aqueles que têm alguma coisa nova a dizer [...]» (94).

Ou retomando esta afirmação de Levinas (de quem ela gostava):

«A verdadeira correlação entre o homem e Deus depende de uma relação do homem a homem, da qual o homem assume a responsabilidade plena, como se não existisse sobre quem contar» (*Monde* 6/1/06, centenário do seu nascimento).

É nesta *relação* que simultaneamente se funda o mundo da política e se funda a relação com Deus, para alguém que é crente, no sentido de Levinas.

Retomando o fio desta apresentação, o fio do que consegui traçar e na omissão de referências e de autores (que ou abordando experiências, ou percursos, como por exemplo do Graal com o texto de Maria Helena de Koning; ou lendo

textos bíblicos) que no seu conjunto constituem, de certo modo, formas de explorar o pensamento e a vida de MLP.

Julgo que na intertextualidade que referi (de Ana Luísa Amaral), se deve mencionar o facto da sua formação em engenharia a ter protegido, numa protecção do ponto de vista das suas qualificações, nela existindo um gosto e uma tensão entre os discursos técnico e científico, por um lado, e a literatura e a filosofia, por outro. Penso que esta tensão dinamizou o seu pensamento, as suas formas de intervenção e a sua forma de escrever.

Por outro lado, essa interrogação que a atravessou:

«Que diferença faz ser cristã?»

diferença, questão, inquietação, que me faz citar a carta a Diagoneto, dum cristão anónimo do século II, que diz:

«Não se distinguem os cristãos dos demais, nem pela região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam as cidades à parte, não empregam idiomas diversos dos outros. [...] moram alguns em cidades gregas, outros em bárbaras, conforme a sorte de cada um; [...] moram na própria pátria mas como *peregrinos*. Enquanto cidadãos, de tudo participam, porém tudo suportam como estrangeiros. Toda a terra estranha é pátria para eles e toda a pátria terra estrangeira» (186-7).

Ora, esta questão, que «toda a terra estranha seja pátria para eles e toda a pátria terra estrangeira», faz *descentrar* em relação a todas as ideologias, tanto políticas como religiosas, ou outras mesmo daquelas que sob determinada perspectiva podem estar próxima. Como por exemplo, o marxismo ou o feminismo. Numa conversa que tive com ela sobre feminismo, ela disse-me que aceitava esta definição de feminismo da filósofa Françoise Collin:

«O feminismo [...] é um texto que se desenvolve, não uma tese. É uma linha melódica, não uma marcha militar. É uma inspiração, a inspiração de um sopro.» (Collin, 1994: 149). «O feminismo é o primeiro movimento a colocar a questão política por excelência, a da ausência de direitos num Estado de direito. Falar da definição política do feminismo [...] é reivindicar e realizar a abertura de um espaço público, de um mundo comum – espaço público e mundo comum das mulheres, mas também o acesso ao mundo comum em sentido lato. O feminismo é o direito à palavra política e a coragem da palavra pública» (Collin, 1986: 21).

Definição de feminismo em que se liga «o espaço público e o mundo comum das mulheres, mas também o acesso ao mundo comum em sentido lato», definição que, curiosamente, é também ela *descentrada*, já que aparece como um sopro, a «inspiração de um sopro», e que obriga, de cada vez, em cada situação, a compreender o sopro / espírito, como os artistas, os crentes («a fé não é uma tran-

quila certeza»), os místicos que sabem que «o espírito sopra onde ele quer», como um dom de que é necessário cuidar, a que há que estar atento.

Por tudo isto, só me resta agradecer à organizadora, à APEM, à AFRONTAMENTO, aos/às autores/as, o trabalho que fizeram e que pede agora, esse trabalho futuro de estabelecer redes entre MOMENTOS, CONTEXTOS, TEMPOS, AUTORES, TESTEMUNHOS, e também o dela própria, semelhante a esses «que moram na própria pátria como peregrinos».

Assim, nas suas palavras:

«Como traduzir o que em mim é destino, identidade, projecto e missão? Preciso de andar os caminhos do mundo para descobrir essa identidade em devir, para cumprir esse destino a haver. Por isso, viajo, ando, parto, por novas terras e novos saberes. Talvez em algum “lugar” se me revele a fórmula da alquimia que de mim alguém pede. Sinto-me quase irmã da personagem central do livro *A Obra ao negro*, que Marguerite Yourcenar criou. Zenão, figura de modernidade, da sua busca e das suas contradições, percorreu a Europa de então como peregrino para encontrar quem sabe mais do que ele e continuar a aprender, pensamos nós. Mas a razão é mais funda: ao companheiro ocasional diz: “Há outro algures que me espera. Vou ter com ele”. E à pergunta que tenta saber quem é esse outro que a espera, ele só responde: Hic Zeno, eu próprio (215)».

Bem hajam.